

Resenha do livro:

ALVES, Gilberto Luiz. *O Trabalho Didático na Escola Moderna: Formas Históricas*. Campinas: Autores Associados, 2005.

Resenha de:

Thiago Oliveira Custódio

herrcustodio@gmail.com

Programa de Pós-graduação em Educação/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

TRABALHO DIDÁTICO E ESCOLA MODERNA

Dando continuidade às reflexões que vem desenvolvendo desde seu pós-doutorado, iniciado no final dos anos 1990i, Gilberto Luiz Alves traz a tona novo conjunto de textos sobre o trabalho didático no contexto da história da escola moderna. Em *O trabalho didático na escola moderna: formas históricas* o autor proporciona nova contribuição intelectual aos estudos em história da educação. A obra está organizada em cinco capítulos: 1) *As formas individual e coletiva da organização do trabalho didático*; 2) *O ensino jesuítico, a organização do trabalho didático e a manufatura nascente*; 3) *Comenius, chave teórica da escola moderna e da organização manufatureira do trabalho didático*; 4) *Os condicionamentos da seleção dos conteúdos didáticos: as operações ideológicas do Humanismo, da Reforma, da Contra-Reforma e do Iluminismo*; 5) *O ensino mútuo e a organização do trabalho didático*.

O Trabalho Didático na Escola Moderna: Formas Históricas executa minuciosa discussão sobre a organização da escola na modernidade. Associando a leitura dos clássicos à compreensão de fontes historiográficas primárias, como aponta Saviani ao prefaciar a obra, Alves empreende ruptura epistemológica no âmbito da história da educação. O que indica um distanciamento dos estudos da história das idéias da educação e correntes pedagógicas correlatas, para estabelecer a mediação dialética entre trabalho didático, na condição de categoria, e sua expressão material correspondente, a produção manufatureira. Do afastamento, esclarecido pela compreensão teórica do método em seu elemento ontológico, por saber, o trabalho, insurge a categoria trabalho didático, envolvida sistematicamente por três aspectos:

a.ela é, sempre uma *relação educativa* que coloca, frente a frente, uma *forma histórica de educador* e uma *forma histórica de educando (s)*, de outro,

b.realiza-se com a *mediação* de recursos didáticos, envolvendo os procedimentos técnico-pedagógicos do educador, as tecnologias educacionais pertinentes e os conteúdos programados para servir ao processo de transmissão do conhecimento,

c.e implica um *espaço físico* com características peculiares, onde ocorre (ALVES, 2005, p. 10-11).

Alves examina o caráter histórico da organização do trabalho didático enquanto criação humana sob necessidades específicas: o preceptor é designado mestre porque

reproduz os segredos de seus ofícios, isto é, “A organização do trabalho didático, portanto, reproduzia a própria organização técnica do trabalho artesanal” (ALVES, 2005, p.19). Frise-se também que até a idade média a relação educativa se impôs como relação não sistemática.

Outro fator a ser ponderado nessa relação é o desenvolvimento tecnológico de uma determinada sociedade. O progresso desses fatores se expressa na sistematização dos conteúdos e nas técnicas empregadas em sua reprodução. O advento da imprensa diz respeito ao processo histórico de transição do artesanato para a manufatura. Com a imprensa de caracteres móveis de Gutenberg os mestres e os discípulos mais aquinhoados começam a dispor de seus instrumentos de trabalho: o copista fora suplantado historicamente por Gutenberg. Esse movimento incentivado pelo Humanismo converteu os acervos dos mosteiros em bibliotecas e promoveu os antigos excertos ao status de mercadoria.

A influência das forças produtivas não é elemento exclusivo para compreender a organização do trabalho didático. As operações ideológicas tiveram muito impacto sobre o conteúdo didático, ressaltando o caráter irreconciliável da luta de classes e frações de classe que abarcam esse período histórico de transição entre o artesanato e a manufatura. Alves examina no quarto capítulo o *modelo grego*, passando pelo *trivium* e *quadrivium* romanos, a patrística, a escolástica, o *modus italicus* e o *modus parisienses*, elementos estes, recorrentes em todo o conjunto da obra, o que reafirma o diálogo do livro com os textos clássicos. No plano ideológico extrai-se a síntese que quer dizer: A razão prática da burguesia superou com a escola moderna a subordinação técnica artesanal da educação na Idade Média.

No caso do Brasil, o nascimento da escola moderna foi posterior à sua emergência entre outras regiões mais desenvolvidas da Europa. Concentrando-se no *Ratio Studiorum* Alves prioriza o antagonismo entre a escolástica e a escola moderna. Essa reflexão integra o segundo capítulo da obra. No pólo da Contra-Reforma, o plano de estudos da Companhia de Jesus perpetuava a escolástica medieval, mas dialeticamente, ampliou o processo educacional com os inacianos, indicando o caráter progressista dos Jesuítas rumo ao advento da escola moderna: “É evidente a existência de uma divisão do trabalho missionário entre os jesuítas, mas não se constata uma divisão do trabalho imanente à natureza do trabalho didático” (ALVES, p.56).

Enquanto os Jesuítas criavam escolas, a Reforma ainda legava a educação à família. O período histórico dessas escolas jesuíticas antecede a *Didáctica Magna* em um século, apesar disso, a escola moderna não estava pronta. Fixo no paralelo da Contra-Reforma, o *modus parisienses* celebrava profissão de fé na escolástica tomista, enquanto o produto mais acabado da educação manufatureira obtém sua gênese no seio do Protestantismo:

Frisando, o bispo morávio foi o educador que expressou a posição de vanguarda da Reforma protestante nas origens da produção da escola moderna; foi ele quem concebeu, de uma forma mais elaborada, orgânica e de conjunto, o projeto dessa instituição social em meados do século XVII. (ALVES, 2005, p. 63).

É preciso ressaltar que as formas históricas do trabalho didático que antecederam Comenius foram pensadas em vista da organização artesanal. A escola moderna foi inaugurada com a substituição progressiva desse antigo modo de produção pela manufatura: a *oficina de homens* opõe-se à educação missionária.

O quarto capítulo da obra retoma o rico debate dos conteúdos didáticos, especificando-se no Humanismo, Reforma, Contra-Reforma e Iluminismo: o ensino de gramática latina, o ensino de retórica, o ensino de filosofia são itens que integram o capítulo.

Alves esclarece: “A prática dominante da historiografia educacional brasileira tem sido a de desqualificação, pura e simples do ensino mútuo” (ALVES, 2005, p.115). Em oposição a tal postura o autor procura “restaurar a importância de que se revestiu o ensino mútuo no Brasil” (ALVES, 2005, p.115). Com esses apontamentos metodológicos inicia-se o debate sobre *O ensino mútuo e a organização do trabalho didático*, título do último capítulo da obra.

Para tanto, Alves dialoga com autores importantes, destacando-se Hegel, Compayré e Manacorda, para apontar o elemento que projeta relevo ao ensino mútuo na emergência da escola moderna no Brasil, por saber, seu caráter de continuidade em relação ao projeto comeniano. Nesse paradigma educacional a responsabilidade da educação foi passada para o Estado, em detrimento de formas anteriores, cuja providência ficava a cargo da família. A *oficina de homens* é ampliada e a organização do espaço físico da escola barateada. É importante destacar que esses três elementos: a responsabilidade do Estado para com a educação; a proposta de universalização do ensino e o barateamento dos custos do espaço físico da escola são itens que integram a máxima do projeto comeniano de *ensinar tudo a todos*.

O espaço físico da escola é item imprescindível para captar a organização do trabalho didático na escola moderna brasileira. Nesse sentido, o ensino mútuo distingue-se pela predominância de amplas salas de aula. Subtraíram-se os investimentos em divisórias, abrigando centenas de alunos em distintos níveis de escolaridade. A convivência entre diferentes graus de aprendizagem não era problema para a propaganda da nova relação educativa da escola mútua: um professor atenderia até mil alunos, na mesma proporção em que um aluno teria acompanhamento individual. Isso seria possível com a distribuição entre professores, decuriões e alunos.

A guisa de conclusão identificamos a *Didactica Magna de Comenius* na condição de chave teórica para a compreensão da escola moderna. Esse é o sentido de *O Trabalho Didático na Escola Moderna: Formas Históricas*, do professor Gilberto Luiz Alves. O autor examina os movimentos históricos que sucederam o bispo morávio. A exigência teórica do autor em apresentar os movimentos históricos da educação é posta para ressaltar a centralidade dos manuais didáticos na organização do trabalho didático manufatureiro. Frente a isso, o presente livro caracteriza grande contribuição para a concepção da escola moderna, precisamente, a relação entre trabalho didático e a produção manufatureira da escola moderna à luz da ciência da história.

ⁱ Gilberto Luiz Alves possui doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1991) e pós-doutorado pela Universidade Estadual de Campinas (1998). Indicamos aqui algumas de suas principais obras: ALVES, G. L. *Educação e história em Mato Grosso: 1719-1864*. 2.ed. rev. Campo Grande: UFMS, 1996.; *O pensamento burguês no Seminário de Olinda: 1800-1836*. 2.ed. rev. Campo Grande: UFMS; Campinas: Autores Associados 2001.; Id. *A produção da escola pública contemporânea*. Campinas: Autores Associados, 2001.